

Crise e oportunidade: A exportação de armas dos Estados Unidos à Israel no atual período de guerra

*Crisis and Opportunity: The United States' Arms Exports to Israel in
the Current War Period*

*Crisis y oportunidad: Las exportaciones de armas de Estados Unidos
a Israel en el actual período de guerra*

Beatriz Rebeca Marques de Oliveira São Pedro¹

beatriz.pedro2@fatec.sp.gov.br

Mariana Lameu de Miranda¹

mariana.miranda3@fatec.sp.gov.br

Raffaella Geraldelli Sala¹

raffaella.sala@fatec.sp.gov.br

Thainá dos Santos Lima¹

thaina.lima@fatec.sp.gov.br

Sergio Dias Teixeira Júnior¹

sergio.dias@fatec.sp.gov.br

1 – Faculdade de Tecnologia de Barueri

Recebido
Received
Recibido
02 nov. 2024

Aceito
Accepted
Aceptado
06 nov. 2024

Publicado
Published
Publicado
08 nov. 2024

<https://git.fateczl.edu.br>

e_ISSN
2965-3339

DOI
10.29327/2384439.3.1-3

São Paulo
v. 3 | n. 1
v. 3 | i. 1
e31242
Out./Dez.
Oct./Dec.
Oct./Dic.
2024



Resumo:

A relação entre Israel e Estados Unidos é uma das mais consolidadas e complexas da geopolítica contemporânea, sendo marcada por alianças históricas e interesses compartilhados. Este estudo busca investigar como essa parceria gera oportunidades significativas para a indústria armamentista americana, com foco na exportação de armas para Israel, durante o conflito atual e suas implicações para a dinâmica geopolítica global. A análise observa a intersecção entre a crise envolvendo as tensões políticas e sociais, e a oportunidade que tais conflitos podem criar para o setor de armamentos dos Estados Unidos. Além disso, são examinadas as implicações dessa dinâmica para os direitos humanos e a governança global, destacando o desafio de equilibrar interesses econômicos com a integridade social no cenário internacional.

Palavras-chave: Israel-Estados Unidos; Indústria Armamentista; Exportação de Armas; Oportunidade; Crise; Geopolítica.

Abstract:

The relationship between Israel and the United States is one of the most consolidated and complex in contemporary geopolitics, being marked by historical alliances and shared interests. This study seeks to investigate how this partnership generates significant opportunities for the American arms industry, with a focus on arms exports to Israel, during the current conflict and its implications for global geopolitical dynamics. The analysis notes the intersection between the crisis involving political and social tensions, and the opportunity that such conflicts can create for the United States arms sector. In addition, the implications of this dynamic for human rights and global governance are examined,

highlighting the challenge of balancing economic interests with social integrity on the international stage.

Keywords: Israel-United States; Arms Industry; Arms Exports; Opportunities; Crisis; Geopolitics.

Resumen:

La relación entre Israel y Estados Unidos es una de las más consolidadas y complejas de la geopolítica contemporánea, estando marcada por alianzas históricas e intereses compartidos. Este estudio busca investigar cómo esta asociación genera oportunidades significativas para la industria armamentística estadounidense, con un enfoque en las exportaciones de armas a Israel, durante el conflicto actual y sus implicaciones para la dinámica geopolítica global. El análisis señala la intersección entre la crisis que involucra tensiones políticas y sociales, y la oportunidad que tales conflictos pueden crear para el sector armamentístico de Estados Unidos. Además, se examinan las implicaciones de esta dinámica para los derechos humanos y la gobernanza global, destacando el desafío de equilibrar los intereses económicos con la integridad social en el escenario internacional.

Palabras clave: Israel-Estados Unidos; Industria de armamentos; Exportación de Armas; Oportunidad; Crisis; Geopolítica.

1. INTRODUÇÃO

A exportação de armas é uma questão tradicionalmente delicada no âmbito das relações internacionais, tendo em vista sua estreita relação com afrontas aos Direitos Humanos e interesses econômicos. Fato esse evidente no conflito entre Israel e Palestina, uma das disputas geopolíticas mais prolongadas da contemporaneidade. Além das dimensões políticas e humanitárias, esse embate também revela a interseção entre crise e oportunidade no que diz respeito às exportações de armas.

Destaca-se que a relação comercial a ser analisada entre Israel e os Estados Unidos, é uma relação de longa data, envolvendo questões políticas, econômicas e sociais, sendo o comércio de armamentos uma parte integral dessa parceria estratégica entre esses dois países, estratégia essa que fortalece a capacidade de defesa de Israel e promove interesses mútuos, enquanto levanta questões relacionadas ao compromisso com os princípios dos direitos humanos e a estabilidade regional. A relação entre estes países se evidencia como um exemplo emblemático do comércio de armas, um dos setores mais dinâmicos e controversos.

Sob essa perspectiva, busca-se analisar como as grandes indústrias armamentistas dos Estados Unidos atuam no contexto do conflito, focando no papel das exportações massivas de armas para Israel, um importante aliado dos Estados Unidos. Dessa forma, este estudo tem como objetivo explorar a dualidade entre crise e oportunidade, analisando como a guerra pode se tornar uma ocasião lucrativa para a indústria americana. Examinando também os interesses econômicos e estratégicos que envolvem essas atividades.

Ademais, uma característica marcante do mercado internacional de armamentos é que as transferências de equipamentos militares não apenas atendem a interesses econômicos, como o crescimento e a geração de empregos, mas também desempenham um papel estratégico nas relações internacionais dos países. Do ponto de vista econômico, essas transações impulsionam indústrias e economias, enquanto, politicamente, as armas servem como instrumentos de influência em políticas externas. No entanto, a lucratividade derivada da venda de armamentos para regiões de conflito levanta questões importantes sobre direitos humanos e a viabilidade de uma paz duradoura.

Diante disso, este trabalho analisa a relação entre as empresas armamentistas e o conflito, enfatizando a questão de como os interesses comerciais das corporações se relacionam com a comercialização de armas destinadas a guerra. A análise abrange o impacto econômico da indústria e suas ramificações políticas. Além disso, são discutidas as implicações dessas práticas para as dinâmicas geopolíticas globais, com o objetivo de oferecer uma reflexão e o entendimento sobre a exportação do setor armamentista.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Relação comercial entre Estados Unidos e Israel

A relação comercial entre Israel e os Estados Unidos é reconhecida como uma "relação especial", desenvolvida ao longo de mais de meio século, com base não apenas em laços diplomáticos e militares, mas também em uma ampla gama de conexões econômicas, acadêmicas, religiosas e pessoais. Em termos comparativos, o elo entre esses dois países pode ser considerado um dos mais notáveis da política internacional contemporânea.

O professor especialista na área, Pulido (2007), enfatiza que após a Primeira Guerra Mundial, os Estados Unidos emergiram como a maior potência mundial, detendo 35% do PIB¹ global. Como consequência, a necessidade de controlar os recursos petrolíferos tornou-se essencial para manter sua supremacia. O Oriente Médio, além de ser um destaque para rota de comércio entre continentes, destacou-se como a principal fonte de petróleo, o motor da economia mundial.

O vínculo entre esses dois países começou antes mesmo da criação do Estado judeu. Segundo Oliveira (2018), durante a votação sobre a partilha da Palestina, em 1947, o presidente Truman apoiou a criação de Israel tanto por razões humanitárias quanto estratégicas. Esse apoio visava resolver a crise dos refugiados judeus na Europa após o Holocausto, além de considerar os interesses dos EUA² na rica região petrolífera do Oriente Médio.

O escritor Feldberg (2008) aponta que essa postura consolidou os Estados Unidos como o principal aliado de Israel, principalmente na disputa contra os países árabes, que recebiam apoio da União Soviética. No entanto, nos primeiros anos, a cooperação militar entre os dois países era limitada. De 1948 até meados da década de 1960, o Departamento de Estado e o Pentágono resistiram à ideia de fornecer armamentos a Israel, temendo que tal ação estimulasse uma corrida armamentista no Oriente Médio, com os países árabes buscando auxílio militar da União Soviética e da China.

Sob essa perspectiva, a postura do governo estadunidense começou a mudar em 1962, quando a administração Kennedy, apesar da objeção do Departamento de Estado, autorizou a venda dos primeiros mísseis antiaéreos HAWK a Israel. Esse foi o início de uma nova fase: Israel se tornou o maior receptor de ajuda militar americana e o primeiro país fora da OTAN³ a receber tecnologia de defesa avançada.

Dessa forma a Guerra dos Seis Dias⁴, em 1967, foi um divisor de águas na relação entre os dois países. O presidente Lyndon B. Johnson intensificou os laços com Israel ao aumentar o fornecimento de armamentos sofisticados, como os aviões Phantom F4 e Skyhawk A4, além de tanques Sherman, em valores sem precedentes. A política americana visava manter um equilíbrio de poder na

¹ PIB- Produto Interno Bruto

² Estados Unidos da América

³ OTAN- Organização do Tratado do Atlântico Norte

⁴ A Guerra dos Seis Dias foi um conflito travado por Israel contra Egito, Síria e Jordânia em junho de 1967. Em seis dias, Israel avançou e conquistou vários territórios.

região, evitando que qualquer Estado ganhasse superioridade militar, após o conflito, uma nova abordagem foi estabelecida com o objetivo de garantir uma vantagem militar para Israel em relação aos seus vizinhos.

Taylor (1991) analisa que essa aliança atingiu um novo patamar com a introdução da Doutrina de Vantagem Militar Qualitativa, política americana criada na década de 1970. Esse conceito foi reforçado pela experiência israelense na Guerra de Atrito⁵ (1969) e a Guerra de Yom Kippur⁶ (1973), que demonstraram o valor estratégico de Israel como aliado dos EUA na contenção da influência soviética no Oriente Médio. A VMQ⁷ assegurava que Israel mantivesse superioridade em armamentos, táticas, treinamento e liderança militar, permitindo que o país vencesse adversários numericamente superiores.

Além dos laços militares, a cooperação econômica entre os Estados Unidos e Israel também cresceu significativamente. A assinatura do Acordo de Livre Comércio EUA-Israel em 1985 fortaleceu ainda mais esses laços, tornando Israel o primeiro país com o qual os Estados Unidos firmaram tal acordo. Esse tratado não apenas promoveu o crescimento do comércio bilateral, mas também incentivou o desenvolvimento de indústrias de alta tecnologia em Israel, que agora é um dos maiores centros de inovação do mundo.

Segundo Mearshiemer e Walt (2007), o impacto do lobby⁸ pró-Israel nos Estados Unidos também desempenhou um papel significativo na consolidação dessa relação. Grupos como o AIPAC⁹ influenciaram diretamente a política externa americana, assegurando que o apoio a Israel permanecesse uma prioridade nos círculos políticos em Washington. Esse lobby tem sido eficaz em moldar a percepção pública e política em relação ao conflito israelense-palestino, garantindo que Israel receba ajuda contínua e apoio diplomático em fóruns internacionais.

Durante a administração de George W. Bush, os Estados Unidos consolidaram sua posição como principal patrocinador da segurança de Israel. Como indicado pelo professor Freedman (2012), além dos EUA fornecerem 30 bilhões de dólares em assistência militar e responder por 60% do orçamento de ajuda estrangeira de Israel, a administração Bush reforçou o apoio político após os atentados de 11 de setembro de 2001, alinhando-se ainda mais com Israel sob o pretexto de combater o terrorismo global. Mais recentemente, durante a administração de Donald Trump, a relação entre os dois países passou por novas mudanças significativas. A decisão do ex-presidente de transferir a embaixada americana de Tel Aviv para Jerusalém, em 2018, marcou um ponto crucial na política externa americana em relação ao conflito israelense-palestino.

⁵ A Guerra de Atrito ocorreu entre Israel e o Egito que envolveu combates de artilharia pesada através do canal de Suez.

⁶ A Guerra do Yom Kippur foi um conflito armado envolvendo israelenses e árabes, foi a disputa pelas terras próximo ao Canal de Suez, na fronteira entre Israel e Egito.

⁷ VMQ- Vantagem Militar Qualitativa

⁸ Lobby é uma prática que consiste na representação de interesses privados ou coletivos junto ao setor público, com o objetivo de influenciar decisões políticas, administrativas ou legislativas

⁹ AIPAC- American Israel Public Affairs Committee

O apoio econômico, político e militar contínuo dos EUA garantiu a Israel uma posição de destaque no Oriente Médio, ao mesmo tempo em que fortaleceu os interesses americanos na região. Esse vínculo, moldado por conflitos regionais, interesses econômicos e pressões internas, como o lobby pró-Israel, tornou-se uma peça central na política externa dos EUA, especialmente na contenção de ameaças soviéticas durante a Guerra Fria e, posteriormente, no combate ao terrorismo. Em paralelo, o apoio militar americano também garantiu a Israel o acesso a tecnologias de defesa de ponta, um fator que levou o país a se consolidar como um dos maiores importadores de armas no cenário internacional, tema que será aprofundado no próximo tópico.

2.2 Israel no centro do comércio internacional de armas

O Oriente Médio é a região do mundo que é endereçada a maior parte dos armamentos fabricados em indústrias de países desenvolvidos, que são os principais exportadores de armas para governos e até mesmo organizações terroristas.

Segundo o relatório SIPRI¹⁰ (2001), um quinto de todos os armamentos que são vendidos no mundo termina no Oriente Médio. A participação de países do terceiro mundo nesse comércio mundial vem sofrendo significativo aumento, sobretudo por armas de grande poder de fogo, com poder de destruição em massa: tanques, aviões de combate, aviões invisíveis, mísseis e novas bombas que despejam grande quantidade de fosforo enriquecido, cujo poder de destruição equivale ao de uma pequena bomba nuclear.

2.2.1 Direcionamento de armas do Governo dos Estados Unidos à Israel

De acordo com Moraes (2011), o governo norte-americano manteve o direcionamento das armas apenas para os seus aliados, ainda que viessem a perder excelentes negócios. No que diz respeito, exclusivamente a Israel, os Estados Unidos são com larga vantagem, o maior fornecedor de armamentos do país. Entre 1950 e 2009, os Estados Unidos forneceram 84,8% de todas as armas que Israel adquiriu, sendo que, entre 1992 e 2009, este percentual foi de 90,3%. Israel usufrui de vários benefícios militares em função de sua aliança com os Estados Unidos, destacando-se:

- I) as transferências de armas para Israel em forma de doações ou vendas com grandes abatimentos têm se mantido acima do permitido pelo *Arms Export Control Act*¹¹ (1976), que prevê um teto de US\$ 250 milhões; II) o Financiamento Militar Externo trata Israel como exceção, tendo em vista que todos os valores que os países recebem por meio deste programa devem ser gastos nos Estados Unidos, embora, para o caso israelense, seja autorizado que 25% do valor possa ser despendido internamente como forma de estímulo à sua indústria de defesa; III) os produtos militares

¹⁰ SIPRI - Instituto Internacional de Pesquisa para a Paz de Estocolmo

¹¹ Lei de controle de exportação de armas

fornecidos representam sempre o estado da arte; IV) os Estados Unidos financiaram, quase a fundo perdido, o desenvolvimento de importantes armamentos israelenses, como o carro de combate Merkava e o míssil Arrow; V) Israel está ligado por canais formais e informais às instituições de defesa e inteligência dos Estados Unidos; e, por fim, VI) os Estados Unidos não pressionaram Israel a assinar o TNP¹² e ainda toleraram a aquisição de capacidade militar nuclear por parte do país. (MEARSHEIMER; WALT, 2007, p. 27-35).

Fica evidenciado na tabela abaixo proveniente do *Congressional Research Service*¹³ (2023) a ajuda bilateral americana a Israel, destacando-se um claro direcionamento de recursos para o fortalecimento da defesa israelense.

Figura 1 – Ajuda bilateral dos EUA a Israel

Ano fiscal	Econômico	Militares	Total
1946-2016	34.267,2	91.628,1	125.895,3
2017	50,1	3.178,0	3.228,1
2018	10,8	3.100,1	3.110,9
2019	8,5	3.300,0	3.308,5
2020	10,9	3.300,0	3.310,9
Total	34.347,5	104.506,2	138.853,7

Fonte: Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) 2020

Na tabela é mostrado o expressivo apoio militar dos Estados Unidos a Israel ao longo das últimas décadas. Entre os anos fiscais de 1946 e 2016, o auxílio militar totalizou 91.628,1 milhões de dólares, superior ao montante destinado à assistência econômica, que somou 34.267,2 milhões de dólares. Esse padrão revela a prioridade dada pelo governo norte-americano à segurança militar de Israel, consolidando o país como um importante aliado estratégico no Oriente Médio.

Os anos de 2019 e 2020 mantiveram o padrão, com a maior parte dos recursos sendo direcionada ao setor militar 3.300,0 milhões de dólares em cada ano enquanto a ajuda econômica permaneceu em patamares muito reduzidos. Esse direcionamento massivo de recursos demonstra o compromisso dos Estados Unidos com a defesa e segurança de Israel, consolidando o país como um dos maiores receptores de assistência militar norte-americana no mundo. Os dados fornecidos pela *Council on Foreign Relations*¹⁴ apresentados no gráfico a seguir

¹² TNP - Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares

¹³ Divisão do Congresso dos Estados Unidos que fornece análises e informações não partidárias para ajudar os membros do Congresso e suas comissões em suas atividades legislativas. Fundado em 1914, o CRS realiza pesquisas sobre uma ampla gama de tópicos, incluindo políticas públicas, economia, segurança nacional e questões sociais.

¹⁴ Uma organização independente e não partidária dos Estados Unidos que se dedica a estudar e promover o entendimento sobre questões de política externa e relações internacionais. Fundado em 1921, o CFR reúne líderes de várias áreas, como governo, negócios, academia e mídia, para discutir e analisar questões globais.

demonstra com maior precisão as exportações de armamentos dos Estados Unidos para Israel.

Figura 2 - Maior destinatário de ajuda estadunidense



Fonte: Elaborado pelos autores (2024), com base em dados fornecidos pelos pesquisadores Jonathan Masters e Will Merrow em *Council on Foreign Relations*

Ademais, entre 2012 e 2015, a Indústria de Defesa de Israel enfrentou um declínio nas exportações devido ao aumento da concorrência internacional e cortes nos gastos com defesa doméstica. No entanto, essa "crise" foi superada, e em 2016, as exportações de defesa israelenses cresceram para US\$ 6,5 bilhões, um aumento de US\$ 800 milhões em relação ao ano anterior, alcançando os maiores números de exportação desde 2013.

Ressalta-se ainda que, em seguida aos ataques de 7 de outubro contra Israel, o presidente Biden anunciou que sua administração iria aumentar a assistência militar ao país. A ordem de Biden resultou, até agosto de 2024, na entrega de mais de 500 aeronaves e 107 embarques marítimos para Israel, totalizando mais de 50.000 toneladas de munições e sistemas de armamento. Entre os artigos de defesa dos EUA entregues a Israel, eles enviaram, até junho de 2024, 14.000 bombas MK-84 de 2.000 libras; 6.500 bombas de 500 libras; 3.000 mísseis ar-solo *Hellfire* guiados por precisão; 1.000 bombas "bunker-buster" e 2.600 bombas pequenas de diâmetro aéreo.

A tabela a seguir, foi produzida com base em dados fornecidos pelo *Congressional Research Service* (2024) e apresenta informações recentes sobre a assistência militar dos Estados Unidos a Israel.

Os dados apontam o apoio financeiro militar dos Estados Unidos para Israel em 2024, especificando a distribuição de recursos entre diferentes leis de apropriação, sendo uma quantia substancial destinada ao fortalecimento das capacidades de defesa israelenses, permitindo a aquisição de equipamentos e tecnologias dos EUA. Esse montante está dividido em três categorias principais de investimento, conforme as legislações que autorizam as despesas.

Figura 3 – Recente assistência militar dos Estados Unidos à Israel

	Financiamento Militar Estrangeiro (milhões de US\$)	Defesa de Mísseis (milhões de US\$)	Defesa de Mísseis - Iron Beam (milhões de US\$)	Outros (milhões de US\$)
P.L. 118-50, Divisão A — Lei de Apropriações Suplementares de Segurança para Israel, 2024	\$3.500,00	\$4.000,00	\$1.200,00	N/A
P.L. 118-47, Lei de Apropriações Consolidadas Adicionais, 2024	\$3.300,00	\$500,00	N/A	\$95,50
P.L. 118-42, Lei de Apropriações Consolidadas, 2024	N/A	N/A	N/A	\$13,00
Total	\$6.800,00	\$4.500,00	\$1.200,00	\$108,50

Notas:
 * Todos os valores estão em milhões de dólares dos EUA (US\$).
 * "N/A" indica que o valor não está disponível ou não se aplica.

Fonte: Elaborado pelos autores (2024), com base em dados fornecidos pela *Congressional Research Service*

Além disso, a categoria "Outros" recebeu 108,5 milhões de dólares, direcionados a formas adicionais de suporte, não detalhadas nas categorias principais, que podem incluir treinamentos, apoio logístico e outras necessidades operacionais. Esse investimento diversificado reflete a continuidade e o fortalecimento da parceria estratégica entre os Estados Unidos e Israel, focada em garantir a estabilidade e segurança no Oriente Médio.

Dessa forma, a estrutura de financiamento militar dos EUA para Israel em 2024 demonstra uma aliança sólida e uma política externa norte-americana que visa manter a segurança de seus aliados estratégicos na região.

Como demonstrado a seguir na figura abaixo, será evidenciado uma série de vendas militares estrangeiras dos Estados Unidos para Israel notificadas ao Congresso em diferentes anos, destacando-se os itens fornecidos, os principais contratantes e os custos aproximados dessas operações.

Figura 4 – Vendas militares estrangeiras dos EUA notificadas selecionadas para Israel

Quantidade/Descrição	Aviso do Congresso	Contratante(s) principal(ais)	Custo estimado
13 canhões navais de 76 mm e suporte técnico	2017	DRS América do Norte	440 milhões de dólares
240 unidades de energia para veículos blindados de transporte pessoal Namer e equipamentos associados	2019	MTU América	US\$ 238 milhões
Aeronave de reabastecimento aéreo KC-46A	2020	Corporação Boeing	US\$ 2,4 bilhões
Combustível de aviação JP-8, óleo diesel e gasolina sem chumbo	2020	N / D	3 mil milhões de dólares
18 helicópteros de transporte pesado CH-53K (com equipamento de apoio)	2021	Lockheed Martin (empresa-mãe da Sikorsky) e General Electric Company	3,4 mil milhões de dólares

Fonte: Agência de Cooperação em Segurança de Defesa, Instituto Internacional de Pesquisa para a Paz de Estocolmo (2024)

Esse direcionamento de armamentos se mostra constante, quando ano após ano as vendas continuam aumentando em números. Em 2017, a empresa DRS América do Norte forneceu a Israel 13 canhões navais de 76 mm, juntamente

com suporte técnico, a um custo estimado de 440 milhões de dólares. Mesmo após dois anos, em 2019, a MTU América realizou uma venda de 240 unidades de energia para veículos blindados e outros equipamentos associados, no valor de aproximadamente 238 milhões de dólares.

Dessa forma, a análise dos gráficos revela que Israel é um dos maiores importadores de armas, com a maioria de seu arsenal proveniente dos Estados Unidos. Essa dinâmica não apenas fortalece a aliança estratégica e os interesses econômicos e geopolíticos entre os dois países, mas também evidencia um viés político nas transações. O papel estadunidense é destacado não apenas como principal fornecedor de armas para o governo israelense, mas também como uma das maiores potências armamentistas globais. Esse protagonismo americano no mercado de armamentos será explorado a seguir, revelando sua importância estratégica e influência no cenário internacional.

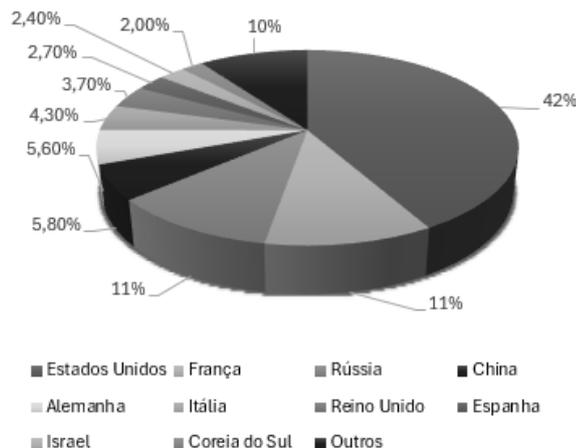
2.3 ESTADOS UNIDOS COMO UMA GRANDE POTÊNCIA ARMAMENTISTA

Segundo Melo (2007) os países desenvolvidos são os principais exportadores de armas, capitaneados pelos Estados Unidos, com cerca de 40% dos contratos de armas no mundo. Algumas características do complexo militar-industrial variam dependendo de quão orientada para o mercado é a economia de um país. Nos Estados Unidos, por exemplo, a produção de armamentos mudou de empresas de propriedade pública para firmas privadas durante a primeira metade do século 20.

A representação a seguir, aborda os principais exportadores de armas e seus receptores, sendo os Estados Unidos o primeiro como exportador de armas, de acordo com a SIPRI.

Figura 5 - Os 10 maiores exportadores de armamentos

Participação na Exportação Global de Armas (%)



Fonte: Elaborado pelos autores com base em dados fornecidos pelo relatório SIPRI (2024).

O gráfico demonstra a dinâmica do comércio internacional de armas, sendo os Estados Unidos responsável por 42% das exportações.

2.3.1 As exportações direcionadas a Israel

Segundo o SIPRI (2024), a importação de armas por Israel no período de 2019 até 2023 foram de grande responsabilidade dos Estados Unidos, representados com 69% do total. O fornecimento foi de uma importante variedade, contando com aeronaves, veículos blindados, mísseis e navios. As Forças de Defesa de Israel dependem fortemente dessas importações de armas dos EUA. Um dos exemplos é que todas as aeronaves de combate atualmente ativas na força aérea israelense foram fornecidas por eles com modificações especiais para uso israelense.

Em 2016, os EUA firmaram um compromisso fornecer US\$ 3,8 bilhões por ano em ajuda militar financeira a Israel entre os anos de 2019 e 2028, mantendo o nível de suporte da década anterior. As indústrias de armas israelense e americana se envolvem em cooperação profunda em diferentes campos, incluindo defesa antimísseis. Israel e os EUA desenvolvem e produzem em conjunto o sistema de defesa aérea de três níveis contra-ataques de mísseis: o *Iron Dome*, o *David's Sling* e o *Arrow*.

Como já mencionado, a legislação dos EUA consagra desde 2008 um requisito para garantir a vantagem militar qualitativa de Israel, ou seja, a sua capacidade de combater e derrotar qualquer ameaça militar, a lei também exige que o fornecimento de armas dos EUA para outros países no Oriente Médio não comprometa esse benefício.

Os EUA rapidamente aumentaram a ajuda militar de emergência a Israel após o ataque de 7 de outubro de 2023. O SIPRI (2024) aponta que até dia 10 de outubro daquele mesmo ano, os EUA teriam transferido 1000 bombas de aeronaves guiadas GBU-39, uma entrega acelerada sob um contrato previamente assinado. Desde então, eles aceleraram de forma semelhante a entrega de armas importantes sob contratos anteriores e enviaram ajuda militar de emergência adicional. Essas transferências incluíram bombas de pequeno diâmetro, kits de orientação de munição de ataque direto conjunto, mísseis para o sistema Iron Dome de Israel, projéteis de artilharia e veículos blindados.

Segundo American Friends Service Committee 10(2024) até o dia 25 de dezembro de 2023, Israel recebeu mais de 10.000 toneladas de armas em 244 aviões de carga e 20 navios dos EUA. Essas transferências incluíram mais de 15.000 bombas e 50.000 projéteis de artilharia apenas no primeiro mês e meio. Essas transferências foram deliberadamente envoltas em sigilo para evitar o escrutínio público e impedir que o Congresso exerça qualquer supervisão significativa.

Entre o mês de outubro de 2023 e o início do mês de março no ano seguinte, os EUA aprovaram mais de 100 vendas militares para Israel, mas divulgaram publicamente apenas duas vendas. Uma lista de transferências de armas conhecidas dos EUA é mantida pelo Fórum sobre o Comércio de Armas. Grande parte dessas armas foram compradas usando o dinheiro dos contribuintes dos EUA por meio do programa de Vendas Militares Estrangeiras, enquanto algumas foram vendas comerciais diretas compradas através do próprio orçamento de Israel.

O AFSC¹⁵ (2024) ainda afirma que sem esse fluxo contínuo de armas dos EUA, a escala da destruição e dos crimes de guerra em Gaza não seriam possíveis. Mesmo com a recorrência de protestos públicos massivos, o atual governo de Biden tem trabalhado para dar a Israel mais de US\$ 14 bilhões para comprar mais armas. Isso se soma aos US\$ 3,8 bilhões que os EUA já dão aos militares israelenses anualmente, Israel é obrigado a usar esse dinheiro para comprar armas fabricadas nos EUA.

Esta é uma forma de bem-estar corporativo não apenas para os maiores fabricantes de armas, como Lockheed Martin, RTX, Boeing e General Dynamics, que viram seus preços de ações dispararem, mas também para empresas que normalmente não são vistas como parte da indústria de armas, como Caterpillar, Ford e Toyota.

Em janeiro de 2024, os EUA avançaram no processo para o fornecimento de aeronaves de combate F-35 e F-15 adicionais para Israel. Em junho, uma carta de acordo foi assinada para o fornecimento de F-35s e em agosto o governo dos EUA aprovou o possível fornecimento de F-15s. O apoio militar dos EUA a Israel tem enfrentado oposição interna, tanto de membros do Congresso quanto da sociedade civil em geral. Embora essa oposição tenha tido pouco impacto tangível nos fluxos de ajuda militar, O SIPRI (2024) afirma que em 9 de maio de 2024 o governo dos EUA anunciou que suspenderia um carregamento de armas para Israel que incluía bombas pesadas de 500 libras e bombas Mk-84 de 2000 libras, citando preocupações sobre a ameaça de ataque de Israel a Rafah. No entanto, em 11 de julho, o governo disse que retomaria o fornecimento de bombas de 500 libras.

2.3.2 Empresas Estadunidenses que lucram com a venda de armas para Israel segundo a AFSC (2024)

I. *AeroVironment*

Um fabricante de drones militares com sede em Arlington, Virgínia. Por volta de 30 de outubro, Israel solicitou a compra de 200 drones *AeroVironment Switchblade 600 Kamikaze*, um avançado sistema de mísseis de fogo direto que atua como um "drone suicida".

II. AM

Geral

Um fabricante de veículos militares com sede em South Bend, Indiana. O Veículo de Rodas Multiuso de Alta Mobilidade (HMMWV ou *Humvee*) da empresa tem sido usado pelos militares israelenses em Gaza. A blindagem para esses veículos é feita pela Plasan.

III. *The Boeing Company*

Quinta maior fabricante de armas do mundo, a Boeing fabrica caças F-15 e helicópteros de ataque Apache AH-64, que a Força Aérea israelense usou extensivamente em todos os seus ataques a Gaza e ao Líbano, inclusive em 2023. A Boeing também fabrica vários tipos de bombas não guiadas de pequeno diâmetro (SDBs) e kits de Munição de Ataque Direto Conjunto (JDAM), que convertem essas bombas em munições guiadas de

¹⁵ AFSC - American Friends Service Committee

precisão.

IV. Caterpillar

Por décadas, a Caterpillar forneceu a Israel a escavadeira blindada D9, que os militares israelenses usam rotineiramente para demolir casas palestinas e infraestrutura civil na Cisjordânia ocupada e para impor o bloqueio da Faixa de Gaza.

V. *Google/Alphabet*

O exército israelense supostamente usa o recurso de reconhecimento facial do Google Fotos como parte de sua vigilância em massa de palestinos em Gaza. De acordo com o *The New York Times*, "ao carregar um banco de dados de pessoas conhecidas no Google Fotos, os oficiais israelenses poderiam usar a função de busca de fotos do serviço para identificar pessoas".

Além destas, há empresas como: *L3Harris Technologies; Leupold & Stevens; Lockheed Martin; Northrop Grumman; RTX (formerly Raytheon); Shield AI, Skydio; Textron; Valero Energy Corporation; Woodward; Airlines and Logistics Companies; Flyer Defense; General Dynamics; General Electric; General Motors; Western Global Airlines of Estero e Florida.*

As entregas de aeronaves de combate compõem uma parcela significativa das exportações de armamentos dos Estados Unidos. Entre 2019 e 2023, foram entregues 420 aeronaves, das quais 249 eram modelos avançados F-35, distribuídas entre 10 países, representando 24% das exportações totais de armamentos dos EUA. Além disso, há uma série de entregas pendentes, com um total de 1071 aeronaves de combate, incluindo 785 unidades do modelo F-35. Essa quantidade reflete a alta demanda global pelos F-35 e destaca o peso das aeronaves de combate na indústria de exportação de defesa norte-americana.

2.4 A crise recorrente do conflito entre Israel e Palestina

Segundo o Centro de Estudos Estratégicos Marechal Cordeiro de Farias (2023), o conflito entre Israel e a Palestina é um dos mais complexos e duradouros da história mundial contemporânea. Envolvendo questões territoriais, políticas, religiosas e culturais, ele remonta ao século 20, quando teve início a migração judaica para a Palestina. Com a proclamação do Estado de Israel em 1948 e o reconhecimento imediato pelos Estados Unidos, ocorreu a guerra de 1947-1949, motivada pela recusa árabe à proposta de partilha da Palestina. A vitória de Israel consolidou seu status como um Estado judeu, passando a controlar 78% do território antes habitado pelos palestinos. Esse deslocamento populacional forçado gerou exclusão social e pobreza para os palestinos, prejudicando o desenvolvimento da região.

Atualmente, muitos países não reconhecem a Palestina como um Estado. Nichols (2024) observa que os Estados Unidos defendem que a criação de um Estado Palestino deve ocorrer por meio de negociações diretas, não por ações da ONU¹⁶ e vetaram uma resolução da Assembleia Geral da ONU que propunha esse

¹⁶ ONU - Organização das Nações Unidas

reconhecimento. Essa falta de reconhecimento perpetua o conflito e permite ações autoritárias na região.

Nesse contexto, Leite (2022) complementa que a construção do Muro de Israel, também chamado de Muro da Cisjordânia, tornou-se um marco significativo. Iniciado em 2002, o muro foi projetado para dividir Israel do território da Cisjordânia, idealizado pelo então primeiro-ministro Ariel Sharon com a intenção de conter possíveis ataques vindos de grupos palestinos. A construção do muro gerou questionamentos sobre o cumprimento de direitos, convenções e pactos internacionais.

De acordo com a *Human Rights Watch*¹⁷ (2024), o bloqueio imposto na região resultou em severas restrições ao acesso a assistência médica, água potável e eletricidade para quase 2 milhões de palestinos. Além das limitações nas oportunidades de trabalho, educação e saúde, o acesso a necessidades básicas tornou-se um desafio diário para a população local.

Além disso, muitos palestinos foram expulsos de suas casas e terras sem o direito de defesa. Aqueles cuja subsistência dependia da agricultura foram impedidos de cultivar novamente, devido às restrições e exigências impostas por Israel. Recursos essenciais como água, medicamentos, trabalho e energia elétrica ficaram amplamente limitados (CHEREM, 2002). Assim, a construção de uma barreira com torres de segurança armadas, as restrições impostas à população, a separação de famílias e a destruição de propriedades, incluindo templos sagrados, têm sido interpretados como ações contrárias aos princípios dos Direitos Humanos.

Como noticiado pela BBC NEWS (2024) esse conflito, que se prolonga mais de 80 anos, teve um novo desdobramento na manhã do dia 7 de outubro de 2023, onde o grupo Hamas invadiu a fronteira de Gaza, resultando na morte de cerca de 1.200 pessoas, incluindo crianças, jovens e idosos em um festival de música. O grupo palestino justificou seu ataque como uma resposta ao que chama de crimes israelenses contra o povo. Imediatamente, se iniciou uma campanha massiva de ataques aéreos e bombardeamento contra alvos em Gaza.

De acordo com a Unifor (2023) Estado de Israel pode ser responsabilizado na Corte Internacional de Justiça de Haia pelo descumprimento das Convenções de Genebra e Protocolos Adicionais¹⁸. Indivíduos também podem passar pelo Tribunal Penal Internacional por acusação de genocídio, crimes contra a humanidade, crimes de guerra e crime de agressão. Quanto ao Hamas, por ser um grupo armado em Gaza, território disputado entre Israel e Palestina, a responsabilização por seus atos seria determinada pela justiça israelense, a menos que haja comprovação de apoio de outras nações ao grupo.

¹⁷ Organização internacional não governamental dedicada à proteção e promoção dos direitos humanos em todo o mundo.

¹⁸ Constituem o núcleo do Direito Internacional Humanitário, o qual regula a condução dos conflitos armados e busca limitar os seus efeitos. Protegem as pessoas que não participam e as que deixaram de participar das hostilidades.

2.5 Crise político-econômica

A integração econômica entre Israel e Palestina ocorre de forma assimétrica, com a economia palestina dependendo da israelense. Nesse contexto, trabalhadores palestinos, geralmente com menor qualificação técnica, passaram a buscar empregos em Israel. Por volta de 1987, mais de um terço dos residentes nos territórios palestinos tinham empregos rentáveis em Israel, com o grosso de seus rendimentos contribuindo para quase um quarto do PIB da Cisjordânia e cerca de dois quintos da Faixa de Gaza (DUPAS, 2001).

Conforme Gondim (2015), a expansão da economia israelense esteve associada à substituição de trabalhadores israelenses por palestinos, visando a redução de custos de mão de obra.

Além disso, é relevante considerar o papel do Hamas como ator político, que se aproveitou da insatisfação popular em Gaza para angariar apoio e fortalecer sua rede de influência entre os palestinos. Para o Hamas, a violência política tem sido uma estratégia para consolidar a imagem de resistência contra a ocupação israelense, passando a representar uma figura estatal para grande parte da população palestina

Segundo Paúl (2024), de acordo com dados oficiais do Escritório Central de Estatísticas de Israel, divulgados em 19 de fevereiro de 2024, a produção econômica do país apresentou uma contração significativa nos últimos meses de 2023. O PIB, indicador crucial da riqueza nacional, registrou uma diminuição de aproximadamente 5% no quarto trimestre em comparação ao trimestre anterior, coincidindo com o início do conflito com o Hamas. Além disso, a agência de classificação de risco Moody's¹⁹ rebaixou a nota de crédito de Israel no início de fevereiro, citando riscos políticos e fiscais, bem como uma aparente fragilização das instituições em decorrência da guerra em Gaza.

Seguindo ainda as informações divulgadas pelo noticiário BBC News, Paúl (2024), a queda do PIB foi predominantemente atribuída ao colapso do consumo interno, que recuou 26,9%. O Escritório Central de Estatísticas destacou que essa retração econômica ocorre em um contexto no qual cerca de 250 mil pessoas foram convocadas para o serviço militar, abandonando seus postos de trabalho e negócios. O mercado de trabalho israelense tem enfrentado diversas mudanças desde o início do conflito, com setores lidando com a escassez de mão de obra, especialmente entre os jovens mobilizados para o exército.

Conforme Ruddy (2023), uma das principais preocupações do setor empresarial israelense é a área de tecnologia, que representa 17% do PIB e é um motor essencial de crescimento econômico. Além disso, o conflito entre Israel e o Hamas gerou um ambiente de tensão geopolítica em uma região vital para o mercado global de petróleo e gás. Uma escalada nesse conflito pode ter repercussões significativas no mercado de energia.

Embora a grave crise humanitária decorrente do conflito tenha gerado preocupações, o pensador ainda afirma que os preços do barril de petróleo e os

¹⁹ Moody's Ratings é um dos principais fornecedores mundiais de notações de crédito, estudos e análises de risco.

fluxos globais de óleo e gás apresentaram, até o momento, impactos limitados. Isso se deve ao fato de que os países diretamente envolvidos não são grandes produtores. Essa situação difere das crises do petróleo do século passado, que resultaram em reduções substanciais no suprimento global e marca a primeira vez que os países árabes utilizam a produção de petróleo como uma ferramenta de barganha econômica e política.

3. ANÁLISE DE DADOS

Sabe-se que a dualidade é um aspecto presente em muitos contextos, incluindo no comércio internacional de armas. Apesar das críticas que tangem as dimensões de Direitos Humanos relacionadas a esse comércio, o setor se revela um meio atrativo de obtenção de lucro para os investidores, alinhando-se ao motor do capitalismo: a tecnologia.

Enquanto a exportação de armas pode melhorar a balança comercial do país fabricante, o país importador se beneficia da possibilidade de fortalecer sua defesa militar. Entretanto, no que se refere os Direitos Humanos indaga-se sobre a relação entre interesses econômicos e as crises provenientes do conflito.

Diante do exposto, compreende-se a existência de uma longa relação comercial entre Israel e Estados Unidos e seus interesses envolvidos, especialmente na assistência militar oferecida pelos americanos aos israelenses, e na influência estratégica conjunta que exercem no Oriente Médio, destacando o impacto sobre a exploração de petróleo.

Seguindo essa lógica, um conflito ou guerra é intrinsecamente ligado a uma crise, no ponto de vista dos Direitos Humanos, midiaticamente abordado, os olhares se voltam as necessidades humanitárias da situação, mas os pontos observados em dados coletados, revela essa faceta menos explorada: a expansão comercial e oportunidade econômica para o segmento da venda de armamentos. Então numa questão de oferta e demanda clássica, os armamentos se tornam a mercadoria mais procurada nesse período de conflito armado, e as grandes indústrias americanas são especialistas em adentrar bem esse mercado, sendo responsáveis por 42% das exportações no mundo todo.

A tabela a seguir aborda previsões da SIPRI (2024) sobre as tendências futuras nas principais transferências de armas.

Como mostra a tabela, os Estados Unidos continuarão a ser, de longe, o maior exportador das principais armas. A previsão é feita baseada em dados sobre pedidos e negociações finais de transações que dão uma indicação aproximada de quais países estarão entre os maiores exportadores nos próximos anos.

No conflito atual, 69% do total dos armamentos de Israel é proveniente de exportações dos Estados Unidos, grandes distribuidores de armas como Lockheed Martin, RTX, Boeing e General Dynamics, e até empresas menos reconhecidas nesse mercado como Caterpillar, Ford e Toyota fecharam grandes vendas, e isso impulsionou as ações dessas empresas.

Figura 6 – Principais armamentos selecionados para futuros pedidos dos 10 maiores exportadores de armas, para entrega após 2023.

	Estados Unidos	França	Rússia	China	Alemanha	Itália	Reino Unido	Espanha	Israel	Coreia do Sul
Avião de Combate	1.071	223	78	94	-	52	8	-	18	142
Helicópteros de combate	390	1	-	-	-	31	-	-	-	-
Navios de Guerra	8	20	5	8	25	8	32	1	-	6
Sistemas SAM	35	2	16+	2	37+	-	-	-	30+	10+
Tanques	561	-	464	566	241	98	-	-	19	972
Veículos Blindados	2.848+	498	8	1	1.314	1.757	20	558	45+	609+
Artilharia	718	141	-	126+	31	-	-	12	95+	1.233+

Fonte: Criado pelos autores baseados nos dados fornecidos pelo relatório SIPRI (2024)

Contudo, a crise não deixa de ser também uma realidade, pois o Estados Unidos e Israel que se mostram mais confortáveis economicamente com a situação, acabam encontrando muitos opositores no caminho. Há uma cobrança de forma veemente de um cessar fogo por meio de ações políticas de outros países, tanto o Estados Unidos vem sendo solicitado a diminuir suas exportações de armas para o conflito, quanto Israel é pressionado a não usar dessas armas. Essa exportação de armamentos é um tema que suscita intensos debates no cenário internacional, especialmente em relação às implicações para os direitos humanos e a política externa norte-americana. Em meio a um contexto de conflitos persistentes, a utilização de armas fornecidas pelos EUA em operações militares em áreas palestinas levanta preocupações sobre o impacto dessas ações na vida civil e nas normas internacionais.

Este ponto relevante diz respeito à legitimidade internacional dos Estados Unidos como mediador global e defensor dos direitos humanos. Com a continuidade das exportações de armas para Israel em meio ao conflito, os Estados Unidos enfrentam essa crescente pressão da comunidade internacional para que demonstrem maior responsabilidade em suas políticas de exportação de armamentos.

A imagem dos Estados Unidos como promotores de paz e segurança internacional é afetada quando sua indústria de defesa alimenta conflitos internacionais. Além disso, outras nações e organizações internacionais, como a União Europeia e diversos países membros da ONU, têm reforçado a necessidade de regulamentação mais rígida sobre exportações de armamentos para zonas de conflito, sugerindo uma postura mais restritiva do que a adotada pelos EUA. Como consequência, a crise de legitimidade estadunidense coloca em risco sua posição hegemônica e compromete a eficácia de suas alianças diplomáticas, especialmente em um cenário de crescente pressão internacional por normas que promovam o controle de armas.

Algumas organizações internacionais, como a *Human Rights Watch*, documentaram diversos casos em que armamentos fornecidos pelos EUA foram utilizados em operações militares que resultaram em violação de direitos humanos em áreas palestina. Em um conflito urbano, a alta densidade

populacional e a presença de civis tornam mais provável o uso de força excessiva e mortes colaterais, o que, em última análise, gera uma demanda crescente por responsabilização dos países exportadores de armamento.

A Resolução 37/43 da Assembleia Geral das Nações Unidas, por exemplo, chama a atenção para a responsabilidade dos Estados em assegurar que as exportações de armas não contribuam para conflitos armados e situações que afetam os direitos humanos (ONU, 2024). Logo, a crise de direitos humanos no caso das exportações para Israel torna-se um elemento central que desafia a política externa norte-americana.

Essa exportação de armas para Israel também denota uma crise política interna nos Estados Unidos. No Congresso norte-americano, há uma crescente divisão sobre o apoio irrestrito a Israel, principalmente em meio aos novos conflitos na Faixa de Gaza e ao aumento das baixas civis palestinos. Parlamentares democratas têm questionado a falta de restrições na venda de armas a Israel e pedido por uma revisão das diretrizes de exportação de armamento norte-americano (AGÊNCIA BRASIL, 2024). Essas vozes refletem uma mudança significativa na opinião pública dos Estados Unidos, que se mostra cada vez mais polarizada sobre a política externa do país em relação ao Oriente Médio. A pressão crescente por transparência e restrição nas exportações de armamentos levanta a possibilidade de uma revisão da política de apoio militar a Israel e pode gerar mudanças no cenário político norte-americano.

Ainda no que diz respeito a crise recorrente de conflitos, em destaque ao conflito atual, sabe-se que há não só uma crise humanitária e política, mas também uma crise econômica. No decorrer do estudo é levantando a questão da baixa do PIB dos países envolvidos, a queda da produção nacional, a queda do turismo, a queda do crédito e a influência no preço dos barris de petróleo, fatores esses que influenciam diretamente na economia.

Já ao que se refere a crise humanitária, torna-se claro que a questão persistente neste conflito é, em grande parte, uma consequência das hostilidades pré-existentes na região. O impacto é evidente em áreas fundamentais da vida social, como infraestrutura de saúde, segurança, habitação, acesso à água, entre outros. Estes são pilares essenciais do bem-estar humano, cuja degradação contribui para a crise humanitária em curso.

Sob esse viés, é entendido a dualidade dos conflitos, destacando-se assim, a existência de uma oportunidade comercial a um país e suas empresas exportadoras de armamentos que gerará crises a outros.

4. METODOLOGIA

A metodologia adotada neste trabalho tem como base a análise qualitativa, com uma abordagem exploratória e descritiva, com foco na exportação de armamentos dos Estados Unidos para Israel. A pesquisa visa entender as interações econômicas e geopolíticas que permeiam esse comércio, identificando as oportunidades que o conflito oferece para a indústria armamentista americana e os impactos disso no contexto global.

A coleta de dados baseia-se em fontes secundárias, como relatórios institucionais e dados de organizações internacionais como o *Stockholm International Peace Research Institute* (SIPRI), que monitora a exportação de armamentos e os seus impactos globais, estudos acadêmicos e publicações que abordam as relações comerciais, o comércio de armamentos e as consequências políticas dessas transações.

Para desenvolvimento do estudo, também foram analisadas fontes governamentais, que mostram relatórios oficiais do governo dos Estados Unidos sobre acordos bilaterais de venda de armas, assistência militar e organizações de direitos humanos e mídia, como a *Human Rights Watch*, que documentam as consequências humanitárias e os possíveis abusos resultantes do uso de armamentos em conflitos.

O estudo, portanto, é realizado em três frentes principais: Os aspectos econômicos, que buscam examinar como as grandes corporações armamentistas dos Estados Unidos (como Lockheed Martin, Boeing e General Dynamics) têm se beneficiado economicamente do comércio de armas para Israel. Foram analisados dados dessas empresas e seu impacto no mercado global.

As implicações geopolíticas, tem como objetivo, analisar as consequências do apoio dos EUA a Israel em termos de política externa, especialmente em relação à vantagem militar qualitativa israelense e sua influência na estabilidade do Oriente Médio. Além disso, destacar o impacto nos direitos humanos: Avaliar as críticas relacionadas a esses direitos, particularmente sobre o uso de armas americanas em zonas de conflito e como isso afeta as discussões internacionais sobre ética e comércio de armamentos.

O estudo enfrenta limitações relacionadas à dependência de dados secundários, que podem restringir o acesso a informações confidenciais ou não divulgadas pelo governo e corporações. A confiabilidade dos dados está na triangulação de fontes, utilizando diferentes tipos de informações acadêmicas, governamentais e de organizações da sociedade civil, para validar as conclusões.

5. CONCLUSÃO

O presente artigo permite compreender que a relação comercial entre Israel e os Estados Unidos é construída sobre interesses geopolíticos e econômicos, sendo o comércio de armas um dos principais pilares dessa cooperação. Os dados coletados demonstram que a ajuda militar oferecida por esses dois países, juntamente com as exportações de armamentos, desempenha um papel central no fortalecimento dessa aliança, com impactos diretos na balança comercial de ambos os países.

Entretanto, o estudo também apontou a coexistência de aspectos econômicos e questões associadas aos Direitos Humanos no contexto do comércio de armas. A exportação de armamentos representa um componente importante para a balança comercial dos países exportadores, enquanto os países importadores se beneficiam ao fortalecer suas capacidades militares. Ao mesmo tempo, o uso dessas armas em conflitos armados e urbanos destaca a relação entre a demanda

por armamentos e a ocorrência de divergências.

A pesquisa revelou que o comércio internacional de armas envolve aspectos estratégicos que afetam tanto o país exportador quanto o importador. De um lado, os Estados Unidos, como principais exportadores de armamentos, beneficiam-se economicamente, contribuindo com 42% das exportações globais de armas. Do outro lado, Israel fortalece sua capacidade de defesa, sendo que 69% de seu armamento no atual conflito provém de exportações norte-americanas.

A relação entre crise e oportunidade dessas exportações de armas destaca o paradoxo inerente ao comércio em períodos de guerra. A crise atual impulsiona uma crescente demanda por armamentos, criando uma oportunidade econômica relevante para a indústria bélica norte-americana, que vê um aumento significativo nas vendas para Israel. Contudo, essa oportunidade econômica traz consigo um conjunto de dilemas éticos e políticos, à medida que o uso de tais armamentos em áreas de conflito urbano e em operações que afetam civis, gera pressões para que os Estados Unidos revisem suas políticas de exportação e considerem a implementação de medidas que limitem o uso de armas em contextos que possam resultar em violações de Direitos Humanos. Dessa forma, o comércio de armas se posiciona como um setor onde a prosperidade econômica caminha ao lado da necessidade de responsabilidade internacional, acentuando a interdependência entre interesses comerciais e os imperativos éticos globais.

Por fim, é essencial que medidas sejam tomadas para mitigar os impactos negativos desse comércio, especialmente no que diz respeito aos conflitos armados e à proteção de civis. A implementação de regulamentações mais rígidas sobre o uso e a exportação de armamentos, bem como maior transparência nas negociações, poderia minimizar as violações aos Direitos Humanos. Além disso, é necessário promover um debate internacional mais profundo sobre a responsabilização dos países exportadores em relação ao uso final dos armamentos, buscando um equilíbrio entre os interesses econômicos e o compromisso com a paz e a segurança global.

REFERÊNCIAS

AFSC, AMERICAN FRIENDS SERVICE COMMITTEE. **Companies profiting from the Gaza genocide**. 2024. Disponível em: <<https://afsc.org/gaza-genocide-companies>>. Acesso em: 8 abri. 2024.

AGÊNCIA BRASIL. **EUA: uso de armas por Israel pode ter violado leis internacionais**. 11 mai. 2024. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2024-05/eua-uso-de-armas-por-israel-pode-ter-violado-leis-internacionais>>. Acesso em: 21 out. 2024.

AHMAD, Ekram Nasser Safa. **Conflitos entre Israel e Palestina: O Muro e o Direito Internacional Humanitário**. São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://cepein.femanet.com.br/BDigital/arqTccs/1611402922.pdf>>. Acesso em: 25 abri. 2024.

BARD, M. G.; PIPES, D. How Special Is the U.S.-Israel Relationship? **Middle East Quarterly**, v. 4, n. 2, 1997.

BBC NEWS **What is Hamas and why is it fighting with Israel in Gaza?** 21 out 2024. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-middle-east-67039975>>. Acesso em: 25 out. 2024

BOWEN, Jeremy. **Seis meses de guerra em Gaza: as profundas divisões que afastam cada vez mais a paz do Oriente Médio** BBC NEWS, 9 abril 2024. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c9ed9e4k9eeo>>. Acesso em: 4 mai. 2024.

CEECF- Centro de estudos estratégicos Marechal Cordeiro de Farias, 2023. **O conflito entre o Estado de Israel e o grupo militante palestino Hamas deflagrado em 7 de outubro de 2023** Disponível em:<https://www.gov.br/esg/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/livretos/arquivos/2023_10_24_conflito_israel_livreto_2-1-1.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2024.

CHEREM, Youssef Alvarenga. **Os Assentamentos israelenses nos territórios ocupados: raízes históricas e sua influência no processo de paz**, Revista de iniciação científica em Relações Internacionais. Belo Horizonte, 2002. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/fronteira/article/view/5027>>. Acesso em: 14 de abr. de 2024.

CONGRESSIONAL RESEACH SERVICE. **Israel and Hamas Conflict In Brief: Overview, U.S. Policy, and Options for Congress.** oct. 4 2024. Disponível em: <<https://crsreports.congress.gov/product/pdf/R/R47828>>. Acesso em: 15 out 2024.

CONGRESSIONAL RESEARCH SERVICE. **U.S. Foreign Aid to Israel.** Mar. 1, 2023.

DOMENICO, Giustino. Para Construir a Paz é preciso desarmar os conflitos. Aleteia, São Paulo, 16 de junho de 2014. Disponível em: <<http://www.aleteia.org/pt/mundo/noticias/para-construir-a-paz-e-precisodesarmar-os-conflitos-5774780913418240>>. Acesso: 3 mar. 2024.

DUPAS, Gilberto; VIGEVANI, Tullio. **Israel-Palestina: A Construção da paz vista de uma perspectiva global.** Editora UNESP. São Paulo, 2001.

FELDBERG, S. **Estados Unidos e Israel: Uma aliança em questão.** São Paulo, 2008.

FREEDMAN, Robert O. **Israel and the United States: Six Decades of US-Israeli Relations.** Westview Press, 2012.

GONDIM, Paulo Barata. **A economia política do conflito Israelense- Palestino: uma análise crítica sobre as causas e consequências do processo da paz de Oslo.** Coimbra, 2015.

HUMAN RIGHTS WATCH. **Israeli forces' conduct in Gaza: Human Rights Watch and Oxfam Submission to Biden Administration's NSM-20 Process.** Human Rights Watch, 2024

UNIFOR, UNIVERSIDADE DE FORTALEZA. **Israel X Palestina: Entenda as origens e consequências do conflito.** 23 out. 2023. Disponível em: <<https://www.unifor.br/>>

/israel-x-palestina-entenda-as-origens-e-consequencias-do-conflito>. Acesso em: 8 mai. 2024.

LEITE, Marcela. **Israel e Palestina: as divergências do muro e as violações dos direitos humanos**. Goiânia, 2022.

MASTERS, J.; MERROW, W. **U.S. Aid to Israel in Four Charts**. Council on foreign relations, 2024. Disponível em: U.S. Aid to Israel in Four Charts | Council on Foreign Relations (cfr.org). Acesso em: 8 abril de 2024.

MEARSHEIMER, J.; WALT, S.; **The Israel Lobby and U.S Foreign Policy**. Middle East Policy, Vol. XIII, nº 3. First Edition p. 27-35. New York. 2007.

MELO, Z.F. **A produção, o comércio de armas e os gastos militares**. São Paulo, 2007.

MORAES, Rodrigo Fracalossi. **O mercado internacional de equipamentos militares: Negócios e política externa**, 2011. Disponível em <<https://www.econstor.eu/bitstream/10419/91193/1/66434335X.pdf>>. Acesso em: 8 mai. 2024.

NICHOLS, Michelle. EUA impedem ONU de reconhecer Estado palestino como membro pleno, **Agência Brasil**, 18 abri. 2024. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2024-04/eua-impedem-onu-de-reconhecer-estado-palestino-como-membro-pleno>>. Acesso em: 8 mai. 2024.

OLIVEIRA, Eduarda Azevedo Furtado. **A aliança histórica entre Estados Unidos e Israel: Impactos sobre o procedimento da revisão periódica universal**. Universidade Federal Da Grande Dourados, 2018.

PAÚL, Fernanda. **Guerra em Gaza: as consequências da guerra em Gaza para a economia de Israel**. BBC NEWS, 9 mar. 2024. Disponível em: <[https://www.bbc.com/portuguese/articles/c3glp26xjj2o#:~:text=O%20Produto%20Interno%20Bruto%20\(PIB,piores%22%20do%20que%20o%20esperado](https://www.bbc.com/portuguese/articles/c3glp26xjj2o#:~:text=O%20Produto%20Interno%20Bruto%20(PIB,piores%22%20do%20que%20o%20esperado)>. Acesso em: 18 mai 2024.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O MEIO AMBIENTE. **Nova resolução da ONU reforça ligação entre direitos humanos e meio ambiente**. UNEP, 24 fev. 2024. Disponível em: <<https://www.unep.org/pt-br/noticias-e-reportagens/reportagem/nova-resolucao-da-onu-reforca-ligacao-entre-direitos-humanos-e>>. Acesso em: 21 out. 2024.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O MEIO AMBIENTE. **Nova resolução da ONU reforça ligação entre direitos humanos e meio ambiente**. UNEP, 24 fev. 2024. Disponível em: <<https://www.unep.org/pt-br/noticias-e-reportagens/reportagem/nova-resolucao-da-onu-reforca-ligacao-entre-direitos-humanos-e>>. Acesso em: 21 out. 2024.

PULIDO, Pedro Javier Cobo. **Estados Unidos entre el petróleo e Israel o como conseguir la cuadratura del círculo**. En-claves del Pensamiento, Monterrey, v. 2, n. 1, p.75-96, 2007.

RUDDY, Gabriela. **Como a guerra entre Israel e Hamas impacta o mercado de petróleo e quais os possíveis cenários**. EIXOS, 20 out. 2023. Disponível em: <<https://eixos.com.br/internacional/como-a-guerra-entre-israel-e-hamas-impacta-o-petroleo-e-quais-os-possiveis-cenarios/>>. Acesso em: 12 de abr. 2024.

SIPRI, STOCKHOLM INTERNATIONAL PEACE RESOURCE INSTITUTUTE. **Como os principais exportadores de armas responderam à guerra em Gaza.** 3 out. 2024. Disponível em: <https://www-sipri-org.translate.google.com/commentary/topical-backgrounder/2024/how-top-arms-exporters-have-responded-war-gaza?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc>. Acesso em: 8 out. 2024.

SIPRI, STOCKHOLM INTERNATIONAL PEACE RESOURCE INSTITUTUTE. **Armaments, Disarmament and International Security.** Yearbook, Oxford University Press, 2001.

TAYLOR, Alan. **Confrontation:** The Superpowers and the Middle East. Syracuse University Press, 1991.

"Os conteúdos expressos no trabalho, assim como os direitos autorais de figuras e dados, bem como sua revisão ortográfica e das normas ABNT são de inteira responsabilidade do(s) autor(es)."